

# Mídia e discursos da memória

*Andreas Huyssen* \*

## Entrevistadores

*Sonia Virgínia Moreira* \*\* e

*Carlos A. de Carvalho Moreno* \*\*\*

## Resumo

Nesta entrevista, o célebre intelectual ocidental Andreas Huyssen, de origem alemã, aborda temas que lhe são caros, como o da memória e o dos efeitos da mídia na cultura moderna. Professor de Literatura Comparada, Huyssen estabelece conexões entre seu trabalho de problematização do pós-moderno e o fenômeno midiático contemporâneo, marcado pelas consequências do atentado de 11 de setembro de 2001. O panorama comunicacional brasileiro também é considerado pelo pensador, cujos livros *Memórias do modernismo* e *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia* foram publicados no País.

**Palavras-chave:** memória, mídia, cultura, literatura comparada, jornalismo.

---

\* Diretor do Centro de Literatura Comparada e Sociedade da Universidade de Colúmbia, EUA.

\*\* Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Universidade da Universidade do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e Presidente da Intercom (2002-2005).

\*\*\* Jornalista e Professor Adjunto da FCS/UERJ.

## Resumen

En ésta entrevista, el célebre intelectual occidental Andreas Huyssen, de origen alemán, presenta temas que le son caros, como el de la memoria y de los efectos de los medios en la cultura moderna. Profesor de Literatura Comparada, Huyssen establece conexiones entre su trabajo de problematización del postmoderno y el fenómeno de la mídia contemporánea, marcada por las consecuencias del atentado del 11 de septiembre de septiembre de 2001. El panorama comunicacional brasileño también es considerado por el pensador, cuyos libros *Memorias del modernismo* y *Seducidos por la memoria* fueron publicados en el país.

Palabras-clave: memoria, mídia, cultura, Literatura Comparada, periodismo.

## Abstract

This interview with Andreas Huyssen, an Western intellectual born in German, gives him an opportunity to deal with themes which have been the main concern of his work for a long time, as the memory and the effects of effects of media on modern culture. Professor of Comparative Literature, Huyssen establishes connections between his critical reading of postmodernism and the contemporary media phenomenon, under the trauma of 9/11. The thinker also considers the conditions of the Brazilian field of communications.

**Keywords:** memory, media, culture, Comparative Literature, journalism.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Primeiramente, o senhor pode introduzir seu campo principal de trabalho para pesquisadores brasileiros na área de Comunicação?*

**Andreas Huyssen** - Minha afiliação disciplinar é com a vertente alemã de estudos culturais e a literatura comparada na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Os temas da modernidade e pós-modernidade, modernismo e pós-modernismo, têm sido centrais na minha obra desde muito tempo, incluindo certos ramos de teoria da mídia e cultura de massa. Mais recentemente, tenho trabalhado com a questão da memória pública do trauma histórico, em primeiro lugar em relação ao passado da Alemanha, e também em termos da globalização de discursos de memória. Atualmente estou desenvolvendo dois projetos: 1. teorias da globalização cultural e imaginários urbanos e 2. “miniaturas modernistas”, uma forma literária particularmente importante do alto modernismo europeu, nascida do encontro de poetas, ficcionistas e filósofos com o folhetim de grandes jornais e revistas.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Já que o senhor tem se interessado pelos efeitos da mídia na cultura moderna, o que diria das notáveis mudanças na cultura ocidental após 11/9?*

**Andreas Huyssen** - Nos EUA, o choque de 11/9 resultou em uma ulterior consolidação das mídias impressa, radiofônica e televisiva conservadoras, que se tornaram porta-vozes do governo Bush e de sua “guerra ao terrorismo”. A imprensa liberal passou a ser raramente ouvida em uma época na qual “liberalismo” (não o “neoliberalismo”) tem se tornado um palavrão no discurso político americano. O predomínio da mídia conservadora e do pensamento neoconservadorista é uma das razões pelas quais os cidadãos dos EUA vêem o mundo pós-11/9 de maneira completamente diferente da do povo na Europa ou América Latina. Contudo, com as recentes revelações sobre tortura sistemática sob a autoridade de militares americanos no Afeganistão e Iraque, e com a falta de solução política plausível para o Iraque, a opinião pública nos EUA parece estar mudando, e vozes críticas são ouvidas mais claramente do que antes. O governo Bush parece estar

perdendo sua habilidade de redirecionar as notícias e enfrenta uma onda de ceticismo e ultraje, especialmente após a publicação das imagens da prisão de Abu Graibh. O poder das imagens!

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Como o senhor relacionaria memória e fascismo em uma perspectiva contemporânea?*

**Andreas Huyssen** - O fascismo europeu (como o comunismo cinco décadas depois) tornou-se histórico. Não faz muito sentido denunciar o islamismo radical ou o “bushismo” como fascista, como fazem algumas pessoas. O fascismo, especialmente no caso da Alemanha, foi bem hostil ao cristianismo, enquanto a ideologia de Bush é um milenarismo evangélico. A memória do fascismo hoje em dia é a memória do Holocausto como o evento-chave do século XX. A memória do Holocausto deu força ao que veio a ser uma cultura da memória transnacional durante os anos 90 em países como a Argentina e a África do Sul, que fizeram dolorosas transições da ditadura e o estado de terror à democracia. Isso também reforçou projetos de direitos humanos por todo o mundo. Ao mesmo tempo, a noção de que a rememoração desse passado genocida pode evitar o genocídio no presente tem se mostrado uma ilusão política (vide, por exemplo, a Bósnia, Ruanda e atualmente o Sudão).

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *O que o senhor poderia dizer sobre sua idéia de um “pós-modernismo de resistências” nos dias de hoje? Há alguma estratégia midiática que possa ser desenvolvida de acordo com tal conceito em países do Terceiro Mundo?*

**Andreas Huyssen** - Eu já não tenho pensado muito sobre “uma resistência pós-modernista”. O conceito tinha uma certa eficácia nos debates da década de 1980, quando o pós-modernismo era denunciado como regressivo ou meramente reacionário. A questão sobre o que poderia ser uma resistência midiática do Terceiro Mundo é complexa. Resistência a que ou a quem? Por um lado, eu imagino alternativas possíveis a gigantes midiáticos globais como a CNN, mas em que sentido elas se distinguiriam do Al Jazeera, um canal noticioso transnacional também com sérios problemas? O obstáculo óbvio é

lingüístico. Por outro lado, alternativas são igualmente necessárias no nível nacional, especialmente onde a mídia nacional é controlada pelo estado e/ou meramente orientada em termos de lucro. Numa época de avanço das fusões no setor midiático, é duplamente importante insistir no funcionamento de uma imprensa crítica e independente, mas não precisamos falar disso em termos de pós-modernismo.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Quanto às influências da arquitetura na formação de identidades políticas e nacionais, o que o senhor poderia dizer sobre a construção de Brasília no começo dos anos 60?*

**Andreas Huyssen** - Sempre me pareceu irônico que as fantasias dos arquitetos europeus de *creatio ex nihilo*, de planejar e construir uma cidade a partir do traço, tenham somente se concretizado no Brasil e na Índia. Que tais utopias modernistas e o funcionalismo que lhes é inerente não têm cumprido sua promessa, eu creio que tem se tornado um consenso em décadas recentes. Hoje em dia, eu não penso que a arquitetura ainda tenha o poder de dar forma a identidades políticas e nacionais. Projetos de construções para o grande público, como existiram, por exemplo, no Rio de Janeiro ou em Nova Iorque na primeira metade do século XX, são raros atualmente. O único tipo de edifício público em voga hoje em dia parece ser o museu. Mas os museus dão mais suporte à política de imagem das cidades do que as nações.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *O senhor poderia inventariar as suas razões para afirmar que há uma globalização da memória hoje em dia?*

**Andreas Huyssen** - A ascensão da “cultura da memória” desde os anos 1980 é sobre-determinada por uma multiplicidade de fatores, incluindo eventos políticos como o fim das ditaduras na América Latina, a queda do muro de Berlim, o colapso da União Soviética e o fim do *apartheid*, bem como o crescente foco cultural nas histórias de minorias e políticas de identidade. A reciclagem e exploração pela indústria cultural de tópicos relacionados à memória contribuem para a expansão de preocupações relativas à memória na esfera pública.

Num sentido mais amplo, contudo, a maior parte da cultura contemporânea da memória, eu penso, resulta do naufrágio do imaginário de utopias futuras característico do século XX. A cultura da memória tem diferentes intensidades em diferentes partes do mundo, e as lutas por um futuro melhor evidentemente não desapareceram. Mas, para mim, um dos aspectos mais interessantes da globalização cultural tem sido o deslocamento transnacional do discurso da memória do Holocausto para contextos completamente diferentes e implausíveis na América Latina, África e Ásia. A legitimidade política, ao que parece, tem de ser garantida cada vez mais pelo modo como lidamos com nossos passados nacionais do que pelas formas de imaginarmos o futuro. O sucesso é, no entanto, indeterminável em qualquer dos casos.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Como o senhor relaciona sua noção de "globalização da memória" às atuais teorias da mídia?*

**Andreas Huyssen** - Uma questão interessante para a qual eu só posso dar uma resposta muito geral e insatisfatória. Visivelmente os discursos da memória se espalham pelo mundo como resultado da saturação midiática, majoritariamente através da televisão e do cinema, mas também, especialmente em países africanos, do rádio. No que diz respeito às teorias da mídia, algumas delas (Baudrillard, Zizek) são meramente narcisistas demais para ter valor significativo quanto ao tópico da memória. Mas mesmo a tradição da Escola de Frankfurt com a qual eu trabalho predominantemente não pode ser simplesmente aplicada à situação contemporânea, embora forneça categorias e um enquadramento que podem ser ainda mais desenvolvidos.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Qual é, na sua opinião, o valor da utopia nos dias de hoje?*

**Andreas Huyssen** - O primeiro passo em qualquer discussão sobre utopia atualmente deveria ser o reconhecimento de que as três utopias (com U maiúsculo) do século XX - fascismo, comunismo e modernização - falharam miseravelmente (as duas primeiras inteiramente, a última na maior parte do mundo fora da Europa Ocidental, Japão e

EUA). Entretanto, o pensamento utópico sobre futuros alternativos, sobre justiça e uma distribuição mais adequada da riqueza é tão necessário quanto sempre foi. O pensamento utópico já não pode mais sustentar o desenvolvimento de projetos para o futuro ou ideologias totalizantes. Se você pensar que isso é como quadrar um círculo, você está certo. Mas então a utopia tem sempre mais a ver com o que Robert Musil chamou de “senso de possibilidade” do que “senso de realidade”.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Como o senhor compreende a participação do discurso jornalístico na construção da memória?*

**Andreas Huyssen** - O jornalismo investigativo sério é essencial para a construção pública de discursos de memória nacional. Seu enquadramento temporal, contudo, é necessariamente limitado ao presente e ao passado recente. Por isso é que ele precisa ser complementado pelo trabalho historiográfico.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *O senhor poderia indicar áreas possíveis de colaboração entre pesquisadores de mídia brasileiros e norte-americanos?*

**Andreas Huyssen** - Já que eu não estou no campo de pesquisa de mídia, não vou fingir que possa responder facilmente a essa pergunta. Contudo, estou convencido de que tal cooperação transnacional é absolutamente essencial para entendermos melhor as forças e trajetórias da globalização e irmos além dos paroquialismos profundamente arraigados de disciplinas acadêmicas. Questões teóricas e empíricas similares e básicas, me parece, emergiriam em qualquer discussão transnacional entre pesquisadores de mídia, mesmo se as ênfases fossem diferentes.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *É aceitável comparar o campo midiático de um país periférico como o Brasil ao de países centrais como a Alemanha e os EUA?*

**Andreas Huyssen** - Claro que sim. A separação categórica entre centro

e periferia não faz muito sentido, nem no campo da pesquisa de mídia nem em outros campos culturais e sociológicos. Isso não descarta a questão de avaliar se a Alemanha é tão "central" quanto os EUA em termos de controle midiático internacional e marketing transnacional, ou se o Brasil é tão "periférico" quanto, digamos, a Nigéria. Mas talvez devessem ser também consideradas outras comparações - por exemplo, a comparação entre as culturas midiáticas do Brasil e da Índia.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *O principal objetivo da Intercom é reunir pesquisadores em torno de estudos interdisciplinares. O que o senhor pensa de tal missão num país latino-americano? Há outra associação internacional com características semelhantes que o senhor poderia citar?*

**Andreas Huyssen** - Em minhas próprias áreas de pesquisa, que eu considero interdisciplinares pelo menos em termos de ambição, embora talvez nem sempre quanto ao resultado, não há organização semelhante. Entretanto isso seria desejável. Os obstáculos para a criação de tais organizações, contudo, são tremendos. Os EUA têm sido um lugar fecundo para cooperação acadêmica internacional, mas, dadas as crescentes restrições em termos de viagens, vistos e imigração, eu temo que as circunstâncias no país em que moro não são propícias a um genuíno intercâmbio internacional.

**Sonia V. Moreira e Carlos A. Moreno** - *Finalmente, o senhor sabe que *Seduzidos pela memória*, um de seus livros publicados no Brasil, está esgotado?*

**Andreas Huyssen** - Não, eu não sabia. Talvez o editor possa fazer uma outra edição. Eu vou me informar a respeito disso.

## Quem é Andreas Huyssen

Professor universitário de Alemão e Literatura Comparada, Andreas Huyssen nasceu em 1942, em Düsseldorf, na Alemanha. Sua formação acadêmica, desenvolvida nas Universidades de Madri, Barcelona, Colônia, Munique e Paris, incluiu cursos de Filosofia e História da Arte. Em 1969, obteve o título de Doutor pela Universidade de Zurique. Desde então tem trabalhado em universidades norte-americanas. Foi nomeado, em 1998, diretor do Centro de Literatura Comparada e Sociedade da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, nos EUA. É também Diretor Acadêmico do Consórcio Berlinense de Estudos Germânicos.



Autor de seis livros, Huyssen teve dois deles lançados no Brasil: *Memórias do modernismo* e *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Como pesquisador, tem se dedicado continuamente ao estudo dos efeitos da mídia na cultura moderna. Afirmou, em 1995, acerca de suas referências teóricas, que as visões de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno sobre a arte na era de sua reprodutibilidade técnica e sobre a indústria cultural vêm sendo redimensionadas pelo debate contemporâneo em torno dos conceitos de memória e de temporalidade.

Na obra de Andreas Huyssen, os temas da modernidade e pós-modernidade, modernismo e pós-modernismo, também incluindo certos ramos de teoria da mídia e cultura de massa, são, há décadas, objetos de minucioso estudo. No Brasil, o artigo “Mapping the Postmodern” (“Mapeando o pós-moderno”), de 1984, cuja tradução para o português foi incluída em *Pós-modernismo e política* (Rio de Janeiro: Rocco, 1991), organizado por Heloísa Buarque de Hollanda, veio a constituir uma valiosa referência para os pesquisadores de comunicação que procuravam compreender a novidade e o estatuto da cultura pós-moderna.

Mais recentemente, Huyssen tem trabalhado com a questão da memória pública do trauma histórico, em primeiro lugar em relação ao passado da Alemanha, e também em termos da globalização de discursos de memória.

A conferência de abertura do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, cujo título é "Resistência à Memória: um caso de esquecimento público", será feita pelo Prof. Dr. Andreas Huyssen.